



CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS

busca

Ok



CINEMA

Mundo cão

Por: [Fábio Freire](#)



Difícil escrever algo sobre Dogville, novo trabalho do diretor dinamarquês Lars von Trier (Dançando no Escuro). O longa é muito mais do que um mero filme apoiado em um bom roteiro e elenco. Dogville é uma experiência cinematográfica e quase teatral que leva suas personagens e o próprio espectador a conclusões extremas, violentas e assustadoras. Lars von Trier não faz nenhum

tipo de concessão, dirige de forma incômoda, exigindo uma participação incomum do público, que chega cansado e extasiado ao final da longa projeção.

O filme fez muito barulho no último Festival de Cannes, mas saiu da Riviera Francesa de mãos abanando. O que convenhamos, é uma pena. Dogville, sem dúvida, é um dos filmes mais perturbadores do ano passado. Uma visão única lançada sobre o ser humano. Em várias entrevistas, Lars von Trier afirmou que o longa era uma metáfora explícita à política e ao modo de vida americano. Mas o filme é muito mais do que uma análise sobre um determinado país. Dogville é quase um tratado sobre a humanidade em geral, atolada em sentimentos de inveja, mesquinharia e sordidez. Talvez o que torne o filme mais cansativo e difícil não seja suas três horas, o ritmo lento, beirando a monotonia, ou a quase total ausência de cenografia, mas sim a dubiedade das personagens, todas fugindo do maniqueísmo que assola o cinema atual.

Dogville é dividido em um prólogo que apresenta ao espectador a monótona cidade fictícia e as personagens, todas aparentemente inofensivas, e nove capítulos que trazem o desenrolar da trama. A monotonia e rotina do vilarejo é quebrada com a chegada de Grace (Nicole Kidman), que está fugindo de gângsters e se isola na cidade em busca de abrigo. Logo Grace é descoberta por Tom (Paul Bettany), um jovem filósofo que aguarda a chegada de algo ou alguém que tire a cidade e seus habitantes da total pasmaceira em que vivem. Tom vê em Grace a possibilidade de mudança. Grace vê, primeiro em Dogville e



depois em Tom, a sua salvação. A partir daí, a jovem forasteira passa a ajudar os moradores da pequena cidade em tarefas que, ironicamente, não precisam ser feitas. Tudo para conquistar a simpatia de todos e poder permanecer escondida na cidade.

É a partir dessa premissa que Lars von Trier desenvolve o argumento de que o ser humano só pensa no seu próprio bem, sendo capaz de humilhar, mentir e ser cruel para conquistar o desejado. O diretor se utiliza de poucos cenários

ATUALIZAÇÕES

10/04 Não há uma forma de apagar este filme da memória? [*O Pagamento*]

07/04 Tudo em Nome do Rock and Roll [*Tomada - Tudo em Nome do Rock & Roll*]

06/04 Ovelha Azul

02/04 Cidadãos americanos ameaçam o mundo [*Videoclipes censurados*]

02/04 Fabuloso, mas sem desastres [*Entrevista com Lynda Mandolyn, vocalista do Fabulous Disaster*]

LEIA TAMBÉM

29/02/2004 Mestre e Comandante [*Mestre dos Mares*]

27/02/2004 Morrinho frio [*Cold Mountain*]

o ser usado para construir e desajudar o diretor. Os alunos de teatro sentados para demarcar o espaço das casas e da cidade, além de uma iluminação para estabelecer o tempo. Dogville é, na verdade, um grande palco e a idéia de aproximação da narrativa cinematográfica com o teatro só torna a mensagem do filme mais forte, mais pungente, já que não existem muitos recursos técnicos que desviem a atenção do público do desenrolar da história.



À medida que Grace vai ficando cada vez mais necessária à sobrevivência da cidade, mesmo cumprindo tarefas "irrelevantes", seus habitantes começam a colocar as manguinhas de fora e revelar suas verdadeiras faces. O que deixa Grace e o público perplexos. É simplesmente aterrador ver uma das maiores estrelas do cinema americano atual sendo estuprada, enquanto a cidade continua inabalada sua rotina, ou carregando um sino como uma vaca para não fugir. Grace, única personagem ingênua e destituída de maldade (até as crianças em Dogville são "vilãs"), chega ao final corrompida "pelo sistema" e se vinga respondendo na mesma moeda. O final chega como um alívio, mas incomoda ao tornar Grace e o espectador tão vis quanto o mais mesquinho dos habitantes da cidade. No fim, apenas Moisés, o cachorro, permanece o mesmo.

Lars von Trier não é apenas genial na condução narrativa do filme, mas também na escolha e direção do elenco. Todos os atores destituem-se de sua imagem e encaram suas personagens com louvor. Mesmo tendo grandes nomes no elenco, Lauren Bacall, James Caan, Clôe Sevigny, Ben Gazzara, entre outros, o filme pertence a Nicole Kidman, Paul Bettany e Patricia Clarkson. Nicole nos oferece uma interpretação sublime, ora fria, ora emocional. Sem ela, provavelmente, Dogville perderia muito em intensidade. Já Paul Bettany e Patricia Clarkson, que interpreta a mãe de uma penca de filhos, destacam-se ao construir personagens nada óbvias, demonstrando o talento dos dois atores. Quando o filme termina ao som de "Young Americans", de David Bowie, e mostrando fotos desconcertantes do povo americano, o espectador tem certeza que acabou de assistir a uma obra-prima. Infelizmente, com uma estranha sensação de incapacidade frente ao inevitável.



04/04/2004

Voltar